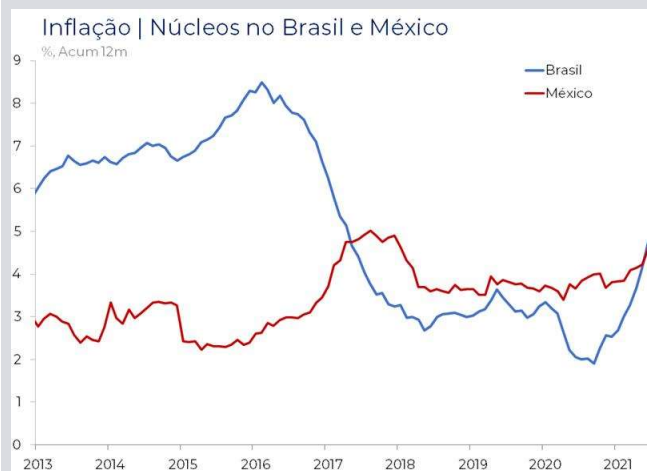


## Blue Notes | Fechamento da Semana | 25 de junho 2021

**Mercado digere bem a guinada do FED e BCs emergentes entram em ação.** Após uma reação inicial mais negativa dos ativos de risco à sinalização mais conservadora do FED na semana passada, o mercado vai digerindo melhor os sinais da política monetária americana. A reunião da semana passada revelou que há intenso debate dentro do comitê do FED quanto à possibilidade de se iniciar um ciclo de alta de juros no ano que vem ou apenas em 2023, mas não se espera uma guinada de curto prazo. Nesse contexto, o mercado tem tempo para focar nos resultados positivos da atividade econômica em diversas regiões. Um outro tema que se desenvolve nos mercados globais também é a retirada de estímulos de política monetária em países emergentes, que tem ocorrido de maneira mais acelerada do que nos desenvolvidos. O Brasil está na frente nesse processo, já tendo elevado a Selic em 225bps desde março, mas, nessa semana, o México também se juntou ao grupo, surpreendendo os analistas e aumentando sua taxa básica para 4.25%.

**Inflação supera 8%, mas meta de longo-prazo mira em 3%.** O IPCA-15 de junho ficou dentro das expectativas, subindo 0.83% no mês e acumulando 8.1% em 12-meses. A composição do índice, no entanto, veio mais preocupante, com altas generalizadas em itens mais persistentes como núcleo de produtos industrializados e serviços, enquanto itens mais voláteis, como alimentos in natura, vieram mais baixos. Com isso, o núcleo da inflação também acelerou para 4.8% em 12-meses, o maior nível em 4 anos. Essa pressão no núcleo é um dos fatores que tem feito o COPOM apertar a política monetária e sinalizar altas consecutivas até atingir o nível considerado neutro de 6.5%. A missão do COPOM é impedir que essas pressões de curto prazo contaminem as expectativas, facilitando o cumprimento das metas de inflação de longo prazo. Aliás, nessa semana o CMN definiu que a meta para 2024 ficará em 3%, alinhando o Brasil com a mediana dos países latinos.



**Dados positivos dão o tom na Europa.** PMI forte em junho teve como destaque o setor de serviços que avançou de 55.2 para 58, enquanto o de manufaturas permaneceu estável em nível elevado de 63.1. A mensagem foi confirmada por indicadores de confiança na Alemanha e França que também tiveram forte subida, acima do esperado. No Reino Unido, os PMIs se mantiveram em níveis recordes. Os dados corroboram a expectativa de crescimento forte na região até o fim do ano.

**Banxico surpreende e sobe os juros.** Contrário ao consenso, Banxico decidiu elevar a taxa de juros de 4% para 4.25%. A votação não foi unânime, mas prevaleceu a visão de que era necessário agir de maneira preemptiva a fim de evitar que as elevadas pressões inflacionárias desancorassem as expectativas. Como de costume, não houve indicação sobre as próximas decisões, mas a continuidade da elevada inflação deve levar a novas subidas de juros até o final do ano.

**Nos EUA, preços seguem em elevação.** Inflação subjacente em maio subiu de 3.1% para 3.4%, um pouco abaixo das expectativas. Apesar do aumento sólido, houve moderação na variação marginal, com ganhos mais modestos em itens afetados pela pandemia e reabertura da economia como veículos, restaurantes e hotéis. A parte mais inercial e de grande peso no índice relacionada a aluguéis firmou mais no mês e é um componente a ser acompanhado de perto nos próximos meses.